



## ENSINAR E DIVULGAR VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: DUAS COMPETÊNCIAS DE UM SOCIOLINGUISTA PARA O SÉCULO XXI

### TEACHING AND DISSEMINATING LINGUISTIC VARIATION: TWO SKILLS OF A SOCIOLINGUIST FOR THE 21ST CENTURY

*Gilson Costa Freire<sup>1</sup>*

*Ricardo Joseh Lima<sup>2</sup>*

#### RESUMO:

Com o surgimento da Teoria da Variação no âmbito dos estudos linguísticos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), seguiu-se a necessidade não só de divulgar os conhecimentos produzidos por essa abordagem científica, mas também de aplicá-los ao ensino de língua. O caso do julgamento da escola Ann Arbor (LABOV, 1982) já trazia em si questões de ensino e de divulgação: por falta de informação, essa instituição assumiu uma atitude de discriminação contra a forma de falar de alunos afro-americanos, de modo que foi preciso um sociolinguista para intervir na situação. Assim, buscamos trazer um balanço crítico dos trabalhos selecionados para o simpósio de mesmo título deste artigo, apresentados no I Fórum Internacional em Sociolinguística, destacando as reflexões e as discussões que eles proporcionaram. Como aporte teórico, tomamos como base os princípios da “dívida incorrida” e da “correção do erro” (LABOV, 1982), além da “gratuidade linguística” (WOLFRAM, 1993), a fim de comentar as contribuições dos trabalhos apresentados sobre os papéis das competências de ensinar e de divulgar variação linguística atualmente. Quanto aos aspectos metodológicos, as comunicações selecionadas para o simpósio foram pautadas em experiências como o Congresso da RedPop (Rede de Popularização da Ciência) ou em mediações pedagógicas sobre fenômenos linguísticos variáveis desenvolvidas no programa nacional de mestrado profissional em Letras (ProfLetras). Sobre os resultados, os trabalhos apresentados cumpriram o propósito do simpósio temático, uma vez que (i) trouxeram propostas concretas de divulgação da variação linguística por meio de memes, vídeos e narrativas lúdicas com o uso das novas tecnologias; (ii) relataram o levantamento de concepções de língua na formação do professor com foco na variação; (iii) descreveram uma experiência de mediação pedagógica bem-sucedida em sala de aula em torno de um fenômeno linguístico variável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação; Sociolinguística Educacional; Tecnologias.

1 Professor Associado do Departamento de Letras e Comunicação Social e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [gilsoncfreire@yahoo.com.br](mailto:gilsoncfreire@yahoo.com.br)

2 Professor Associado do Departamento de Estudos da Linguagem e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [rjlimauerj@gmail.com](mailto:rjlimauerj@gmail.com)



**ABSTRACT:**

With the emergence of the Theory of Variation in the context of linguistic studies (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), there was a need not only to disseminate the knowledge produced by this scientific approach, but also to apply it to language teaching. The case of the trial by the Ann Arbor school (LABOV, 1982) already brought up issues of teaching and dissemination: for lack of information, an attitude of discriminating the speech of afro-american students was taken in the school field and a sociolinguist was needed to intervene in the situation. Thus, we seek in this article to bring a critical balance of the works presented at the symposium with the same name as the title of this paper, presented at the I Fórum Internacional em Sociolinguística, highlighting the reflections and discussions that they generated. As a theoretical contribution, we take as a basis the principles of “debt incurred” and “error correction” (LABOV, 1982), in addition to “linguistic gratuity” (WOLFRAM, 1993), in order to decompose the contributions of the works presented on the skills of Teaching and Disseminating Linguistic Variation today. As for the methodological aspects, the communications selected for the symposium were based on experiences such as the RedPop Congress (Science Popularization Network) or on pedagogical mediations about variable linguistic phenomena developed in the professional master’s program in Letters (ProfLetras). As for the results, the works presented fulfilled the purpose of the thematic symposium, since (i) they brought concrete proposals for the dissemination of linguistic variation through memes, videos and playful narratives with the use of new technologies; (ii) reported the survey of language conceptions in teacher education with a focus on variation; (iii) described a successful pedagogical mediation experience in the classroom around a variable linguistic phenomenon.

**KEYWORDS:** Variation; Educational Sociolinguistics; Technology.

**Introdução**

O recente aumento massivo da quantidade de informação disponível e dos meios para a circulação dessa informação não impactou apenas nossas vidas cotidianas. A área de Educação, em todos os níveis, ainda que conte com resistências culturais e estruturais, não escapará dessa realidade. Diante disso, propusemos o simpósio intitulado *Ensinar e divulgar variação sociolinguística: duas competências de um sociolinguista para o século XXI*, que integrou a programação do I FIS (Fórum Internacional em Sociolinguística), realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2019, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir desse simpósio, levantamos a seguinte discussão: considerando o advento das novas tecnologias e os documentos que orientam a Educação no país, como os sociolinguistas lidarão com o *ensino* e a *divulgação* da variação linguística, temas que vêm acompanhando a Sociolinguística desde praticamente sua fundação?

No que diz respeito às orientações nacionais sobre o ensino da variação linguística, destacamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018, que prevê que sejam desenvolvidas, em sala de aula,

reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81).

Por estar em consonância com essas orientações, não poderíamos deixar de mencionar o programa nacional de mestrado profissional em Letras (ProfLetras), que vem desenvolvendo experiências pedagógicas relacionadas a diferentes abordagens da ciência da linguagem, entre as quais, a Sociolinguística Educacional, com a aplicação dos contínuos de variação (urbanização, modalidade e monitoração estilística) propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2005). As mediações didáticas realizadas segundo essa orientação teórica buscam abordar fenômenos linguísticos variáveis de forma mais sistemática em sala de aula, aliando os conhecimentos da Sociolinguística Variacionista ao ensino de língua.

Quanto às iniciativas de divulgação ao grande público dos conhecimentos produzidos sobre variação linguística, destacamos a revista “Roseta” ([www.roseta.org.br](http://www.roseta.org.br)), produzida pela Abralin (Associação Brasileira de Linguística), canal de publicação *on-line* em que cientistas da área de estudos da linguagem expõem suas pesquisas por meio de textos bem-humorados e acessíveis a leitores não familiarizados com os conceitos científicos da área. Além disso, diversas páginas no Facebook (“Falei errado, o problema não é meu, é seu”, “Linguisticamente falando”, “Linguística vulgar”, entre outras) e canais no Youtube (“Com a palavra, Linguística”) são exemplos de tentativas de ocupar um espaço, tradicionalmente destinado ao entretenimento, com informações advindas de pesquisas linguísticas, utilizando sempre uma linguagem informal acessível a um público não-especializado.

Resta-nos saber se o que tem sido feito até o momento, e crucialmente como tem sido feito, produz resultados satisfatórios para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral. Pautando-nos tanto em experiências como o Congresso da RedPop (Rede de Popularização da Ciência) quanto em mediações pedagógicas desenvolvidas no ProfLetras em torno de fenômenos linguísticos variáveis, selecionamos trabalhos para o simpósio que trouxessem reflexões sobre a formação do professor de língua quanto à variação, como também propostas de ensino ou de divulgação científica que fossem coerentes com a discussão levantada. A partir desses critérios, as comunicações selecionadas foram as seguintes: “Concepções de língua e variação linguística na formação de professores dos anos iniciais”; “Seramagipepá: documentação linguística para combater o preconceito”; “Caiu na rede é meme: como a aplicação de uma proposta didática aliando a sociolinguística e o gênero textual meme corroborou para o ensino e a divulgação de variação linguística”; “‘Senta que lá vem história’: o texto narrativo como forma de divulgação

do tema Preconceito Linguístico”; “Nem te conto: o uso do gênero narrativo conto para divulgação sociolinguística”; e “Da fala para a escrita: preenchimento e apagamento do sujeito em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental”.

Este artigo está assim estruturado: após esta introdução, apresentaremos os fundamentos teóricos que nortearam a organização do simpósio; na seção seguinte, comentaremos as comunicações realizadas, evidenciando as contribuições trazidas; na última seção faremos as considerações finais seguidas das referências.

### **Fundamentação teórica**

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) lançaram as bases do que ficou conhecido como Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista, que representou um novo modelo na ciência da linguagem, ao buscar estudar a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Essa abordagem tem como pressuposto que a variação é inerente a qualquer língua, contrapondo-se à homogeneidade do sistema linguístico em que se baseavam as correntes teóricas anteriores. De acordo com o modelo proposto pelos autores, toda mudança linguística é precedida por um período de variação, em que formas alternantes, chamadas *variantes*, competem entre si para a expressão de algum aspecto gramatical da língua (conhecido como *variável*), embora nem toda variação resulte em mudança. Por outro lado, eles defendem que a heterogeneidade da língua é sistemática, visto que a ocorrência das variantes num fenômeno variável não é aleatória, mas determinada por condicionadores linguísticos (internos ou estruturais) e sociais (p. ex. sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, entre outros).

Dentre os cinco problemas propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006) para nortear a investigação sociolinguística (restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação), destacamos aqui a avaliação, que diz respeito ao valor ou significado social atribuído numa comunidade de fala às variantes de um fenômeno linguístico variável. Assim, o prestígio ou o estigma que o grupo social associa a certa variante pode acelerar ou barrar uma mudança na língua. De modo geral, as formas consideradas prestigiosas são determinadas por indivíduos pertencentes a camadas sociais dominantes do ponto de vista econômico e cultural, que acabam desqualificando as formas linguísticas mais comuns entre os segmentos sociais de baixa renda e pouca escolaridade, gerando o preconceito linguístico. Por outro lado, os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que uma variante, em si mesma, não é melhor ou pior que outra, ou seja, não existe algo intrínseco ao fenômeno variável que determine que uma seja superior a outra. Por conseguinte, o combate ao preconceito linguístico constitui uma das

contribuições dos estudos sociolinguísticos à sociedade, de sorte que devem ter mais ampla divulgação e ser incorporados ao ensino de gramática na escola.

Nesse sentido, é importante destacar que a Sociolinguística possui já um histórico de preocupação com a relação entre as entidades envolvidas em uma pesquisa: pesquisador e pesquisado. Labov, sabedor de que existe toda uma tradição em que o pesquisado, ainda que denominado “sujeito da pesquisa”, acaba sendo dela objeto, procurou romper com o que essa dicotomia acarreta: o término das relações entre as entidades ao final da pesquisa. Sua participação no julgamento de Ann Arbor (LABOV, 1982)<sup>3</sup> é a demonstração mais conhecida dessa atitude, que foi construída a partir dos conceitos criados por ele de “dívida incorrida” e “correção do erro”. O primeiro indica que um investigador que obteve dados linguísticos junto aos membros de determinada comunidade de fala tem a obrigação de tornar esses dados acessíveis à comunidade, quando ela precisar desses dados. O segundo conceito significa que um cientista, quando se dá conta de que uma ideia corrente ou prática social com importantes consequências é invalidada por dados que tem à disposição, é obrigado a trazer esses dados para apreciação da maior audiência pública possível. Anos mais tarde, Wolfram (1993) analisa tais conceitos, sugerindo outro mais amplo, que ficou conhecido como princípio da “gratuidade linguística”, assim entendido: investigadores que obtiveram dados linguísticos a partir de membros de uma comunidade deveriam procurar ativamente modos positivos nos quais eles podem retornar favores linguísticos à comunidade. Dessa forma, os três conceitos acima foram inspiradores de um simpósio que procurou destacá-los e trazê-los ao conhecimento da comunidade de sociolinguistas, a fim de que fosse possível criar um espaço de reflexão sobre o papel desses conceitos na formação de um profissional dessa área.

### **Ensino e divulgação da variação linguística: as comunicações selecionadas**

Como este texto integra um dossiê sobre os trabalhos apresentados no I FIS, cabe dizer que não pretendemos aqui, até pelos limites deste artigo, fazer uma exposição exaustiva do conteúdo de todas as comunicações selecionadas para o nosso simpósio. Ainda sobre a descrição dos trabalhos, esclarecemos que, em alguns casos, não seria possível obter mais detalhes sobre seu conteúdo por duas razões: a primeira, pelo tempo reduzido de exposição dispensado aos comunicadores (15 minutos), algo comum em comunicações realizadas em eventos acadêmicos, com a perda de informações mais detalhadas; a segunda, pelo fato de haver trabalhos ainda em andamento e/ou sem texto publicado. Por conseguinte, procuramos evidenciar as contribuições

---

3 O julgamento de Ann Arbor tratou do processo que alunos afro-americanos moveram contra a escola com esse nome, por discriminação ao seu modo de falar. O processo foi bem-sucedido e se tornou conhecido como o “caso Black English”.

mais relevantes de cada trabalho quanto à temática proposta, tentando preencher, quando possível, algumas lacunas das apresentações, por meio da consulta dos trabalhos completos que estão disponíveis.

A primeira comunicação do simpósio, “Concepções de língua e variação linguística na formação de professores dos anos iniciais”, foi proposta por Diego da Silva Vargas, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), e Marina Costa Villela Martins, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os comunicadores trouxeram resultados de pesquisa interdisciplinar na área da Sociolinguística Educacional sobre as concepções de língua e de ensino de língua presentes no discurso escrito de alunos dos cursos de Pedagogia presencial e à distância da UniRio.

Segundo expuseram Vargas e Martins, tanto trabalhos acadêmicos (BAGNO, 1999; BORTONI-RICARDO, 2005, entre outros) quanto documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), evidenciam um ensino de língua que desconsidera a variação linguística como uma das causas do chamado fracasso escolar, que exclui dos meios letrados os alunos de classes populares. Considerando as contribuições da Sociolinguística Variacionista ao ensino, os comunicadores investigaram se, nos cursos de Pedagogia, os estudos sociolinguísticos já teriam alcançado o mesmo lugar de prestígio que nos cursos de Letras do país, nos quais tais estudos são tomados como fontes importantes de reflexão para o embasamento de novas práticas de educação linguística. Para atingir esse propósito, os pesquisadores analisaram concepções de *língua*, de *variação linguística* e de *ensino de língua* presentes em textos redigidos pelos alunos dos cursos de Pedagogia em atividades avaliativas produzidas do primeiro semestre de 2018 ao primeiro semestre de 2019.

Os autores da pesquisa constataram que as contribuições da Sociolinguística Educacional ainda não ocupam lugar de destaque em grades curriculares, ementas e avaliações dos cursos de Pedagogia, de modo que os textos dos alunos, embora revelassem algum conhecimento superficial sobre variação linguística, acabavam refletindo concepções tradicionais de ensino de língua, tendo como referencial a gramática normativa. Em consonância com os princípios da “dívida incorrida” e da “correção do erro”, formulados por Labov (1982), os pesquisadores perceberam a necessidade de intervir na abordagem de tais concepções, uma vez que a pesquisa foi realizada no contexto de atuação profissional de seus autores, que também são docentes dos cursos de formação de professores em suas respectivas universidades. Em vista disso, consideramos que o trabalho de Vargas e Martins, ainda que incipiente, traz como contribuição a iniciativa de introduzir, na formação do profissional da área de Educação, o (re)conhecimento da variação, o que pode ajudar a

superar dificuldades enfrentadas no ensino de língua, especialmente entre os alunos das classes populares, cuja variedade linguística se distancia do que é prescrito por instrumentos normativos.

O trabalho “*Seramagipepá*: documentação linguística para combater o preconceito”, proposto por Celeste Maria da Rocha Ribeiro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) em parceria com Raquel Meister Ko. Freitag da Universidade Federal de Sergipe (UFS), foi selecionado para o simpósio por integrar um projeto de ação interdisciplinar que visa ao intercâmbio literário, linguístico, geográfico, histórico e cultural entre Sergipe e Amapá (daí o neologismo *Seramagipepá*, oriundo da fusão dos nomes desses dois estados), por meio da produção de ações de divulgação científica (vídeos temáticos, imagens e textos) por pesquisadores e estudantes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Amapá no canal virtual <https://www.ramalhochris.com/seramagipepa>.

No que se refere à ação linguística, realizou-se, no segundo semestre de 2018, o intercâmbio entre os estudantes da graduação em Letras das duas instituições, que consistiu num trabalho em três etapas. Na primeira, houve uma ação de sensibilização para as diferenças, a partir do imaginário popular (o que se sabe) e a problematização dos estereótipos linguísticos decorrentes da falta de informação, que geram o preconceito linguístico e o silenciamento em relação às variedades linguísticas locais.

Na segunda etapa, os participantes realizaram uma ação de documentação linguística com a produção de pequenos vídeos de práticas cotidianas no campo da culinária, com perfis representativos das comunidades sergipanas e amapaenses. Por fim, as equipes procederam à transcrição e à análise linguística de fenômenos variáveis marcadores, indicadores e estereótipos (cf. LABOV, 2008 [1972]) na fala dos informantes gravados em vídeo, com a comparação dos resultados obtidos em Sergipe e no Amapá, contemplando a realização de /R/ e /S/ em coda, de /t/, /d/ e do segmento -ndo.

A partir dos resultados, com o intercâmbio dos produtos entre as equipes, foram fomentadas não só reflexões sobre as proximidades (realização de /t/, /d/, /R/) e diferenças (/S/, -ndo) linguísticas entre os falares dos dois estados, mas também a reavaliação do imaginário inicial após a conclusão da atividade. Os vídeos produzidos farão parte do acervo do projeto em um mapa interativo, que estará disponível para consulta pública no canal virtual acima indicado.

Certamente as ações acima descritas representam uma abordagem das atitudes linguísticas por meio de um tratamento societal às evidências do imaginário popular, envolvendo aspectos linguísticos das duas comunidades. O levantamento das diferenças e semelhanças entre as variedades sergipana e amapaense conferiu ao trabalho o mérito de

contribuir para o conhecimento da riqueza e diversidade do Português do Brasil, mesmo que não tenham sido ainda postos na página virtual do projeto os resultados obtidos, o que suscita outro debate: as dificuldades de implementar projetos de divulgação científica no país.

A comunicação intitulada “Caiu na rede é meme: como a aplicação de uma proposta didática aliando a sociolinguística e o gênero textual meme corroborou para o ensino e a divulgação de variação linguística” foi feita pelas doutorandas Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo de Carvalho e Maria Hermínia Cordeiro Vieira, ambas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Resultado de um trabalho de conclusão de disciplina cursada pelas autoras, em parceria com mais duas colegas (cf. MELLO *et al.*, 2016), a comunicação trouxe as diversas experiências que elas tiveram ao aceitar o desafio de não apenas levar conteúdos de Sociolinguística para a sala de aula, mas também de estimular os alunos a produzirem materiais de divulgação desses conteúdos.

As autoras apresentaram as experiências em diversos ambientes de ensino (alunos de um curso de língua estrangeira, alunos com visão reduzida Instituto Benjamin Constant e alunos de anos finais do ensino fundamental de escolas públicas da zona oeste do Rio de Janeiro) que constituíram o trabalho acima mencionado com o título “Sophia e suas amigas... Pensando a sociolinguística fora da caixinha”<sup>4</sup>. O nome Sophia faz referência à personagem da página do Facebook “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”, que utiliza memes para divulgar conteúdos de sociolinguística e foi a base para as atividades elaboradas no trabalho. A título de exemplo, apresentamos dois dos memes que foram mostrados pelas comunicadoras:

**Figura 1** – Meme produzido por alunos das turmas envolvidas no projeto de pesquisa

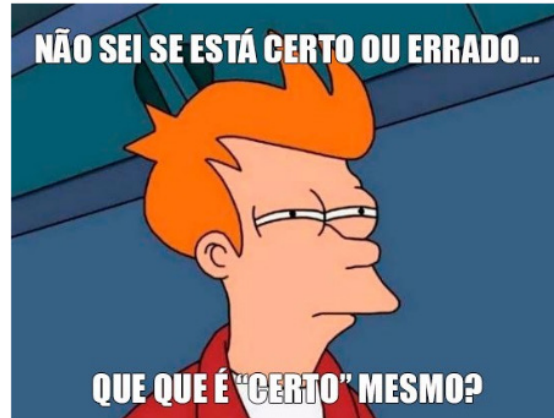


Fonte: Mello *et al.* (2016, p. 100)

4 O trabalho encontra-se disponibilizado em: <https://drive.google.com/open?id=0B4RC0dgaTyjpQ2JyMlZ4dHJWUXdNQVJPa3hoRXpWbGE1Umo4>



**Figura 2** – Meme produzido por alunos das turmas envolvidas no projeto de pesquisa



Fonte: Mello *et al.* (2016, p. 101)

O propósito de utilizar memes para a produção dos alunos foi o de demonstrar que se pode criar um tipo de trabalho cuja matéria os alunos estão acostumados a ver e construir, primeiro como ponte para a divulgação e segundo como base para outros trabalhos escolares tradicionais, como textos escritos, o que não aconteceu no trabalho realizado por fugir a seu escopo. Notemos que aqui também está a semente de dar voz aos alunos para construir seus próprios meios de produção de conhecimento em um contexto de Sociolinguística Educacional, o que traz reflexões para essa área a respeito de como, e crucialmente por quem, as atividades didáticas para os alunos estão sendo construídas.

A comunicação “‘Senta que lá vem história’: o texto narrativo como forma de divulgação do tema Preconceito Linguístico” foi apresentada pela doutoranda Thayane Antunes Siqueira, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. A autora tratou das justificativas para um trabalho de conclusão de doutorado que tenha o formato literário, uma opção permitida pelo programa de pós-graduação a que pertence<sup>5</sup>. Um dos pontos de partida na comunicação foi discutir se um trabalho similar à obra “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno (1997), pode ou não ser considerado como suficiente ou equivalente a um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação. A autora argumentou que não há dúvidas de que a parte de pesquisa foi contemplada em “A língua de Eulália”, dados os múltiplos momentos em que descrições e análises de fenômenos linguísticos são inseridos ao longo do livro. A originalidade de um trabalho, assim, estaria na forma de comunicação da pesquisa, por meio de uma narrativa não convencional para os meios acadêmicos, porém tendo efeito em um público considerado leigo do ponto de vista da Sociolinguística sobre temas como variação e mudança linguísticas, entre outros.

Em seguida, a autora teceu comentários críticos sobre “A língua de Eulália”, concentrando-se no fato de que os múltiplos momentos mencionados acima deram um ar técnico à obra, o que resultou em sua classificação em livrarias como uma obra de Linguística e não de Ficção

5 A esse respeito, ver: [www.pgletras.uerj.br/janelas/quem\\_legis4\\_formatos.html](http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem_legis4_formatos.html)

Brasileira, tal como talvez tenha pretendido o autor ao acrescentar o subtítulo “Uma novela Sociolinguística”. Trazendo exemplos de dissertações e teses que escolheram o formato narrativo, Siqueira argumentou por uma abordagem mais radical de sua aplicação, a saber, uma em que o formato não apresente de forma explícita conceitos e definições científicos, deixando-os de modo sutil no texto ou a cargo do leitor acessá-los posteriormente.

Em sua fala, a comunicadora fomentou a discussão sobre a relevância desse tipo de trabalho em um momento em que a universidade está abertamente repensando seus modos de comunicação com a sociedade, o que nos leva a considerar a viabilidade de ser um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação o local da transformação do acadêmico no não-acadêmico. Por outro lado, o Programa já permite tal transformação, mas apenas nas dissertações e teses da área de Literatura, de modo que a área de Linguística se concentraria no modelo tradicional, com hipótese, metodologia e resultados (entre outros elementos constitutivos). Pensando assim, o propósito comunicativo com quem não faz parte da comunidade científica não faria parte da construção do que define um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação. No entanto, defendemos que não pode haver impedimentos para que formatos de trabalho inovadores aconteçam nesse espaço, uma vez que isso trairia o que constitui um dos elementos essenciais da universidade, qual seja, a liberdade de expressão de ideias, incluindo a permissão para que projetos que questionem seu tradicional *modus operandi* possam ser igualmente considerados.

Seguindo essa mesma linha, outro trabalho selecionado para o simpósio foi o de Leonardo Ortolane Menezes, da UERJ, sob o título “Nem te conto: o uso do gênero narrativo conto para divulgação sociolinguística”, que representou também uma experiência alternativa sobre o que pode constituir o produto de um trabalho de conclusão de pós-graduação. Parte da dissertação do autor foi um conto construído a partir da ideia de que as diversas normas de uma comunidade linguística possuem legitimidade e não devem ser suplantadas por uma norma unificadora, privilégio de apenas um setor da comunidade, o que representa uma importante ideia de combate ao preconceito linguístico, em conformidade com obras de referência no meio científico, como Faraco (2008) e Bagno (1999). O intuito de Menezes (2019) foi, portanto, expor essa mesma ideia através de um meio que fosse acessível para um público não especializado, de sorte que ele escolheu o conto, por ser comumente estudado por alunos de ensino fundamental e médio.

O autor ambientou sua estória em uma Idade Média ficcional, em um reino dividido em “feudos” – cada um com sua norma, uma referência à variação regional, sem utilizar esse termo no texto. Um ser sobrenatural, que mudava de acordo com o local onde se encontrava, representava as normas; sua atitude sempre expressava liberdade e tolerância. Em um ponto da estória, esse ser foi aprisionado e obrigado a difundir por todo o reino apenas uma de suas facetas, aquela que espelhava o modo de ser e de falar das classes privilegiadas do reino. O modo como o autor conclui o desenlace da estória dialoga com discussões atuais a respeito do papel de uma norma-padrão ou mesmo uma norma culta intensamente monitorada em ambientes escolares: deve ser predominante ou poderia ser atualizada e conviver com as demais normas? e conviver com as

demais normas? Menezes adotou essa última opção, ao deixar o ser sobrenatural circular sobre os “feudos” do reino, levando a eles o conhecimento do modo de falar do setor privilegiado, ao mesmo tempo em que o alimentava com informações e construções dos demais modos de falar.

Propostas como a de Siqueira e a de Menezes suscitam reflexões acerca da avaliação desse tipo de trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação. Em um trabalho com o formato tradicional, é evidente a análise de seus elementos constitutivos (hipótese, metodologia utilizada, os resultados obtidos, etc.), a partir dos quais, são estabelecidos critérios de avaliação. Em um texto narrativo, como se proceder à sua avaliação? Seria o alcance obtido pelo trabalho, transformado em obra literária, essa métrica? Reconhecemos que a ausência de parâmetros quantitativos dificultaria esse viés avaliativo, embora algo nesse sentido pudesse compor a avaliação global. Em todo caso, entendemos que o ineditismo de um trabalho assim na área de Sociolinguística estaria inaugurando o processo avaliativo e que, a partir de então, se poderia criar um conjunto de critérios para sua aprovação (ou não).

A última comunicação apresentada foi o trabalho “Da fala para a escrita: preenchimento e apagamento do sujeito em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental”, que constituiu pesquisa de mestrado profissional em Letras (ProfLetras) de Keittimere Aparecida Justino, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A autora aplicou uma mediação didática sobre a realização do sujeito pronominal de referência definida em uma turma de 23 alunos do 6º ano do ensino fundamental (EF) de uma escola da rede municipal de Itatiaia, no sul fluminense. A mediação aplicada foi construída a partir da proposta do contínuo de oralidade-letramento formulado por Bortoni-Ricardo (2004, 2005). Esse contínuo é definido a partir dos eventos de comunicação: de um lado, estão os de oralidade, sob menor influência da codificação linguística estabelecida em instrumentos normativos, como gramáticas e dicionários (cf. BORTONI-RICARDO, 2004); do outro, os de letramento, constituídos por práticas discursivas mediadas pela escrita, sobre a qual esses instrumentos atuam com mais força. Considerando os fenômenos linguísticos variáveis, de uma ponta a outra, se distribuem as variantes, podendo estas representar traços descontínuos (quando encontradas somente em parte do contínuo, como o emprego da conjunção causal *porquanto*, que é típica de textos representativos da escrita mais elaborada) ou graduais (presentes em todas as porções desse contínuo, como o uso da conjunção *porque*, que figura em qualquer evento de comunicação).

No que diz respeito à realização do sujeito pronominal de referência definida, Justino lembrou que os trabalhos acadêmicos que investigaram a fala e a escrita cultas revelam um comportamento distinto entre os brasileiros letrados, que registram maior preenchimento de sujeito na modalidade oral (cf. DUARTE, 1993, 1995), enquanto tendem a exibir maior apagamento desse elemento na escrita, fenômeno atribuído ao processo de escolarização (cf. COELHO *et al.*, 2010). Tal processo proporciona aos estudantes o contato com textos escritos, que exibem maior frequência de sujeitos nulos, de modo que estes acabam fazendo parte da

escrita dos indivíduos mais escolarizados. Tendo em vista os resultados dessas pesquisas, a mediação pedagógica partiu do pressuposto de que a categorização da unidade textual como evento de comunicação situado no campo de [+oralidade] ou de [+letramento] do contínuo determina, segundo as práticas linguísticas da sociedade letrada, a ocorrência do sujeito nulo na escrita brasileira.

Para verificar, como forma de diagnose, a frequência do preenchimento da posição de sujeito na escrita dos alunos, Justino (2019) solicitou que estes redigissem um relato de experiência em torno de dez linhas sobre as mudanças que sentiram ao iniciar o segundo segmento do EF. Essa atividade propiciou a ocorrência de estruturas de 1ª pessoa do singular, geralmente com marcas flexionais no verbo, permitindo trabalhar o fenômeno do preenchimento/apagamento do sujeito com a turma. A análise dos textos obtidos apurou uma alta frequência de sujeitos plenos (67%), como neste exemplo: “**Eu** senti uma diferença muito grande, porque antes **eu** só tinha três professores”. Assim, a atividade diagnóstica apontou para a necessidade de trabalhar com esse fenômeno, a fim de aproximar os alunos das práticas de escrita da sociedade letrada, que privilegia o sujeito nulo, tendo em vista que a expressão escrita é mais conservadora (cf. DUARTE, 1993).

A partir dos resultados obtidos na diagnose, a professora-pesquisadora propôs à turma um conjunto de atividades de análise de relatos de experiência nas modalidades falada (áudios obtidos na internet acompanhados de transcrição) e escrita, a fim de mostrar que as diferenças entre elas, quanto à realização do sujeito pronominal, não representavam erro ou acerto, mas eventos de comunicação situados em diferentes porções de um contínuo da fala para a escrita, portanto, perfeitamente válidos em seus respectivos contextos de produção. Ao final dessa etapa, os alunos foram convidados a produzir uma mensagem de áudio, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, com duração de 30 segundos, sobre algum acontecimento que tivesse marcado suas vidas. Esse áudio seria destinado a um colega e, posteriormente, reencaminhando à professora para a elaboração da etapa seguinte. Nos áudios produzidos, o índice de sujeitos plenos foi ainda maior (92%), refletindo a forte tendência ao preenchimento da posição de sujeito na fala brasileira (cf. DUARTE, 1993, 1995).

Na etapa posterior, a professora-pesquisadora mostrou à turma a retextualização de um relato oral de experiência, obtido numa plataforma de vídeos da internet<sup>6</sup>, para uma versão escrita, que foi preparada previamente pela mesma professora de acordo com as quatro primeiras operações descritas por Marcuschi (2010)<sup>7</sup>. Em seguida, cada aluno recebeu a transcrição de

---

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bII5PUtzFNY>

7 As quatro primeiras operações descritas por Marcuschi (2010, p. 75) para a retextualização da fala para a escrita são as seguintes: (i) eliminação de marcas interacionais, de hesitações e de reduções típicas da fala; (ii) inserção de uma primeira pontuação com base na intuição fornecida pela entoação da fala; (iii) retirada de repetições, redundâncias e pronomes egóticos; (iv) paragrafação e inserção de pontuação detalhada.

seu respectivo relato oral de experiência, produzido na etapa anterior, a fim de retextualizá-lo para a escrita. Os resultados obtidos nessa atividade revelaram uma mudança substancial na escrita dos alunos em relação à produção diagnóstica, uma vez que a frequência de sujeitos nulos passou a 76%, um índice bastante robusto.

Na etapa seguinte da mediação, a professora-pesquisadora abordou o preenchimento/apagamento do sujeito de 3ª pessoa (singular e plural), de maneira que optou pelo gênero causo, narrativa em que normalmente prevalecem sujeitos de 3ª pessoa. Assim, os alunos foram levados à sala multimídia da escola para assistirem a três causos, disponíveis em plataforma de vídeos da internet<sup>8</sup>, narrados por Rolando Boldrin: *O caso da procissão*, *O gato da madame* e *O caso do Manezinho*. Nesses áudios, a distribuição das variantes era a seguinte: 44% de sintagmas nominais (SNs) anafóricos (quase sempre com núcleo idêntico ao do SN referente), 28% de pronome *ele* e 28% de sujeitos nulos. Depois os alunos receberam as transcrições dos causos, a fim de retextualizá-los para a escrita, sendo a turma dividida em três grupos, cada qual com um caso diferente para retextualizar. Os resultados das retextualizações revelaram que a variante de sujeito preenchido com SN anafórico foi preferida pelos discentes (43%) em oposição ao pronome pessoal *ele* (18%) e à categoria vazia (39%). Portanto, o índice de ocorrência da repetição do pronome *ele*, normalmente estigmatizada em correções de redação na escola, caiu dez pontos percentuais em favor dos sujeitos nulos, tendo ficado as ocorrências da variante SN anafórico bem próximas ao levantamento feito nos textos de partida. No entanto, a pesquisadora destacou o fato de que a maior parte da turma optou por SNs anafóricos sinônimos dos referentes, evitando, dessa forma, a repetição excessiva de itens lexicais, igualmente estigmatizada em correções escolares.

Consideramos que a mediação didática desenvolvida por Justino representa uma proposta concreta de aplicação das contribuições da Sociolinguística Educacional ao ensino, em especial dos contínuos de variação formulados por Bortoni-Ricardo (2004, 2005). Em alguma medida, podemos também vislumbrar o princípio da “gratuidade linguística” (WOLFRAM, 1993) no trabalho realizado, uma vez que a professora-pesquisadora, de posse de resultados de pesquisas sociolinguísticas sobre o preenchimento do sujeito no português do Brasil (DUARTE, 1993, 1995; COELHO et al., 2010), construiu uma mediação didática que contemplasse a variação para a abordagem dos pronomes pessoais com seus alunos. Em vista dos resultados apresentados, percebemos que um trabalho sistemático com fenômenos variáveis em sala de aula pode promover a conscientização dos alunos a respeito do emprego das variantes de qualquer fenômeno variável segundo as práticas sociais de uso da língua, o que contribui para o próprio processo de letramento como um dos objetivos da educação básica.

---

8 Disponíveis em: [https://www.youtube.com/watch?v=QvkwDH\\_ewWo&t=22s](https://www.youtube.com/watch?v=QvkwDH_ewWo&t=22s); [https://www.youtube.com/watch?v=3mhYmLCWy\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=3mhYmLCWy_Q); <https://www.youtube.com/watch?v=Myd6NjfmKSG>

## Considerações finais

Buscamos trazer à tona uma reflexão sobre a formação do profissional sociolinguista para o século XXI, enfatizando as atividades de divulgação e ensino. Procuramos demonstrar que não só ambas fazem parte da história da Sociolinguística como poderiam ser consideradas como intrínsecas a essa área de estudos. Assim como se argumenta que o próprio termo Sociolinguística seria redundante por não haver linguística que não seja social, divulgação e ensino não deveriam ser vistos como complementares à pesquisa, mas como formadoras do que seja Sociolinguística, assim como a pesquisa com o social o é.

Os trabalhos selecionados para o simpósio e aqui relatados servem de material para a reflexão que queremos proporcionar. Almejamos que não só esses trabalhos mas também todos os que se encaixem nas temáticas de divulgação e ensino consigam ter espaços em congressos e revistas especializadas, do mesmo modo que trabalhos voltados exclusivamente para pesquisas. Inevitavelmente, haverá desafios, como o da avaliação de trabalhos que focalizam divulgação e ensino: como medir o sucesso de uma divulgação? Deve-se medi-lo? Na parte do ensino, como garantir que alunos que demonstram compreensão de conceitos linguísticos em determinada tarefa assimilaram, de fato, esses conceitos?

Os desafios levantados, longe de nos desanimarem, nos levam a empreender com ainda mais empenho aquilo que nos estimula a continuar nossos trabalhos em Sociolinguística: o destaque de sua contribuição para questões sociais concretas, dialogando de forma aberta e permanente com todos os setores da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. Contexto: São Paulo, 1997.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico – o que é, como se faz*. Loyola: São Paulo, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base*. Brasília, DF: MEC/ CONSED/UNDIME, 2018.
- COELHO, I. L. *et al.* O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis. *Working Papers em Linguística*. DOI:10.5007/1984-8420.2010v11nespp94, p. 94-107, 2010.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp, p. 107-128, 1993.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro*. Unicamp, 1995. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-graduação em Linguística, Unicamp, Campinas, 1995.

FARACO, C. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. Parábola: São Paulo, 2008.

JUSTINO, K. A. *Da fala para a escrita: preenchimento e apagamento do sujeito em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras – ProfLetras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFRRJ, Seropédica, 2019.

LABOV, W. Objectivity and commitment in linguistic science. *Language in Society*, 11, 165-201, 1982.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELLO, E. et al. *Sophia e suas amigas... Pensando a sociolinguística fora da caixinha*. 2016. Trabalho de conclusão de disciplina do Programa de Pós-graduação de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

MENEZES, L. O. *O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando uma história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras – PPGL/UERJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. M. Bagno. Revisão técnica: C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WOLFRAM, W. Ethical considerations in language awareness programs. *Issues in Applied Linguistics*, 4, p. 225-255, 1993.